



Homenagem a Juan Díaz Bordenave

Por: Thomas Tufte

Universidade de Roskilde, Dinamarca.

Novembro de 2012.

A entrevista que se segue foi realizada em novembro de 2012. O Ministério da Informação e Comunicação para o Desenvolvimento tinha realizado a sua Conferência de Comunicação, e Juan Díaz Bordenave foi um dos palestrantes. No dia seguinte, eu tinha perguntado se eu poderia fazer uma entrevista com ele sobre a sua história de vida, explorando as relações entre a trajetória pessoal e o trabalho em comunicação para o desenvolvimento. Eu estava particularmente interessado em compreender em que fontes científicas e pessoais ele se inspirou para desenvolver as suas ideias e contribuições para o campo da comunicação rural. A entrevista foi realizada ao longo de uma boa refeição em sua casa, na cidade de Assunção.

Juan Díaz Bordenave: uma vida dedicada à comunicação para o desenvolvimento rural

Era uma calorosa e ensolarada manhã de domingo, em Assunção, Paraguai. Anibal Orue, Juan Díaz Bordenave e eu deixamos a cidade no final da manhã, o carro estava cheio de alimentos e bebidas. Anibal é um estudioso paraguaio da mídia e da comunicação há muito tempo. Ele vive na casa próxima a de Juan, e é um bom colega e amigo do mesmo. Eu tinha conhecido Juan pela primeira vez no início dos anos 1990, quando eu era estudante de PhD pesquisando telenovelas no Brasil, algo que o divertiu, já que três de seus filhos foram fortemente envolvidos na indústria criativa brasileira, principalmente seu filho, Chico Díaz, um famoso ator de telenovela. Como poderia um jovem estudioso dinamarquês escrever um PhD sobre o uso social das telenovelas no Brasil? Isso intrigou Juan, e ele fez muitas piadas sobre



isso. Depois de alguns anos sem contato, em 2002 voltamos a nos cruzar em Bellagio, Itália, quando nos encontramos no seminário “Comunicação para a Mudança Social”, organizado por Alfonso Gumucio Dagron. Um ano depois, Dagron e eu começamos um processo de três anos de edição de uma grande antologia com duzentas contribuições sobre comunicação para a mudança social (Gumucio-Dagron e Tufte, 2006). Juan contribuiu para o livro com dois longos trechos de artigos e quatro outros menores.

Desde o início da década de 2000, Juan alugou uma casa modesta em Assunção para comprometer-se integralmente e interagir com os novos desafios do desenvolvimento em seu país, Paraguai, que havia sido deixado por ele em meados da década de 1950, quando saiu em busca de uma carreira internacional em comunicação rural. É nessa mesma época que ele se casa com Maria Cândida, no Rio de Janeiro e compra uma bela casa na “cidade maravilhosa”, onde passa a residir com a sua grande família. Porém, durante muitos anos, viaja por toda a América Latina e visita os familiares apenas nas férias. Portanto, a decisão de voltar para o Paraguai só na década de 2000 foi um enorme compromisso, considerando que a família permanecia no Rio.

Nesta mesma manhã seguimos de carro para Altos, uma pequena comunidade rural a cerca de uma hora de Assunção, local que Juan deixou no começo dos anos 1950 para começar a sua participação e contribuição ao longo de toda a vida para o desenvolvimento rural na América Latina. Altos, porém, sempre permaneceu como ponto de referência para Juan, marcando parte da sua carreira, pois lá estava a sua querida casa. Então nós dois mergulhamos de cabeça naquele lugar e procuramos descansar depois de uma conferência bem-sucedida sobre “Comunicação para o desenvolvimento” realizada na capital paraguaia.

Na noite anterior, o livro de Juan “Aportes a la Comunicación para el Desarrollo”, foi lançado em um evento público no centro de Assunção com a presença de muitos estudantes, artistas, amigos e colegas, bem como autoridades públicas. Surpreendentemente, considerando-se os muitos livros e artigos de Juan ao longo de sua vida, este é o primeiro que ele publica no Paraguai. No entanto, considerando os muitos anos de regime militar no país,



talvez não seja tão surpreendente. Mas, desde que Fernando Lugo assumiu a presidência, em 2008, o país foi arrastado para uma experiência fascinante, mas também muito difícil, colocando a comunicação como elemento estratégico no coração de planos e experiências de desenvolvimento do país. O presidente Lugo criou um Ministério de Informação e Comunicação para o Desenvolvimento, liderada por Augusto dos Santos, que tem uma experiência muito rica e longa em rádios comunitárias. Juan tornou-se um importante conselheiro do ministro e do processo como um todo.

Uma das contribuições mais importantes de Juan Díaz Bordenave ao governo Lugo foram quatro programas de licenciatura e um mestrado em comunicação para o desenvolvimento, uma iniciativa única em visão e volume, com base nas ideias que ele trabalhou ao longo de toda a sua carreira. Como afirmou há quase 40 anos:

O estudo teórico da comunicação para o desenvolvimento rural tem (também) sido influenciado pela evolução das ideias aceitas sobre o desenvolvimento. Não é apenas a preocupação com a forma como a comunicação contribui para provocar a mudança, mas também um olhar sobre as mudanças no pensamento e sobre que tipos de mudanças de desenvolvimento rural deve se promover (BORDENAVE, 1977).

Seu foco em desafiar as noções estabelecidas de desenvolvimento, continuou a ser uma preocupação por toda a sua vida, e ele trouxe isso em seu trabalho para o novo governo do Paraguai. Juan desenvolveu componentes essenciais para os currículos universitários, baseados em comunicação para o desenvolvimento. No cerne de seu pensamento, há uma forte ênfase na comunicação dialógica, horizontalidade nas relações, e a insistência de que todos os cidadãos tenham a possibilidade e o direito de participar nos processos de mudança:

Participação é o processo em que uma pessoa vê a si mesmo como um único indivíduo e, ao mesmo tempo, como um membro de uma comunidade. Aceitando a participação como um direito humano básico, ela deve ser aceita e estimulada por si só e por seus resultados. E se a participação for negada, a personalidade individual é mutilada, o seu crescimento prejudicado e seu potencial para a construção de uma



comunidade frustrado. Em outras palavras, a participação não é simplesmente um benefício adicional que as autoridades podem conceder como uma concessão, mas um direito do ser humano que nenhuma autoridade pode negar (BORDENAVE, 1994).

O livro de Juan “O que é participação?”, publicado no Brasil em 1986, tornou-se o mais vendido, com mais de 30 edições, e ainda hoje é amplamente utilizado. Da mesma forma, apesar da controvérsia contínua em torno do conceito de “comunicação para o desenvolvimento”, Juan continuou defendendo este conceito como algo central a partir do qual se deve trabalhar no reforço da justiça social e melhorar os meios de subsistência, principalmente nas áreas rurais. Ele estava bem consciente de que era um conceito batido, tendo conotações de modelos de crescimento não muito participativos vinculados ao paradigma da modernização, mas continuamente argumentou que, em vez de descartar o conceito, deve-se carregá-lo com um novo significado. Ele fez essa discussão muitas vezes ao longo de sua carreira, mas a partir dos 1990 em diante, viu emergir um novo e promissor modelo de práticas de comunicação para o desenvolvimento:

A frase “Comunicação para o desenvolvimento” é geralmente usada para se referir à utilização prevista dos meios de comunicação, mídia e técnicas para apoiar os programas e projetos em diversos setores de desenvolvimento, tais como saúde, educação, agricultura, organização comunitária e associativismo. Nos últimos anos, esta área tem ultrapassado barreiras de abordagem para abraçar um paradigma cada vez mais participativo (...). A mobilização da comunidade está sendo desenvolvida com base na ampla participação, ao invés da abordagem tecnocrática que, até recentemente prevalecia (BORDENAVE, 1996).

De volta ao Paraguai, a iniciativa presidencial para trabalhar estrategicamente com comunicação para o desenvolvimento foi única, não só na América Latina, mas no mundo, sendo uma prioridade política dada a comunicação para o desenvolvimento e um objetivo ambicioso em termos de reforma do setor da mídia e da comunicação, ajudando também na formação



de toda uma nova geração de comunicadores para o desenvolvimento. Foi um caminho difícil, desafiando a inércia existente na forma de conduzir o ensino universitário, desafiando inclusive o legado histórico do autoritarismo no Paraguai, e lidando com uma sociedade fundamentalmente rural, onde os recursos eram muito desigualmente distribuídos. A injustiça social era alarmante e a sociedade civil muito fraca. No entanto, Juan Díaz Bordenave permaneceu otimista. Seu humor, sua energia, sua fé, sua visão e enorme compromisso assumido fizeram com que todos nós que colaboramos e acompanhamos o processo de desenvolvimento no Paraguai nos sentíssemos inspirados.

De 2009 a 2012 eu visitei o Paraguai cinco vezes e ao longo de muitas conversas com Juan, eu vi como ele permaneceu positivo e fiel ao projeto do uso da comunicação participativa para melhorar as condições de vida das comunidades rurais do seu país. Mesmo depois que o presidente Lugo foi derrubado por um "golpe parlamentar" em junho de 2012, Juan permaneceu engajado com a causa. Como afirmou em um artigo que escreveu:

Una de las consecuencias positivas del golpe institucional esta siendo Cívico El Despertar de la juventud paraguaya. En efecto, ella ausente estaba en las Luchas por el rechazo del ALCA, por la renegociación del TRATADO de Itaipu, por la Reforma Agraria y hasta por la Reforma Universitaria. Pero ahora abrio sus ojos y esta organizándose para la resistencia Pacífica. Si la juventud asume realmente su papel generacional, se podra decir alguna vez del golpe refrán el español "nenhum mal hay que por bien não venga". Porque, Abiertos los ojos de la necesidad de luchar por la justicia, la juventud percibirá la imperiosa urgencia de la Reforma agraria y el desarrollo del país equitativo (BORDENAVE, 2012).

A última vez que eu vi Juan foi no dia 9 de novembro, no Paraguai. Eu tinha sido convidado por Anibal Orue Pozzo para falar sobre o novo Mestrado em Comunicação para o Desenvolvimento, em Ciudad del Este. Anibal era o diretor do Mestrado. Três semanas antes, Juan tinha estado lá, dando aula. Além disso, na preparação de sua saída do Paraguai, e seu retorno à sua família e casa no Rio, Juan doou seus livros para a Universidade em Ciudad



del Este, que em troca estava preparando uma "Biblioteca Juan Díaz Bordenave". Naquela mesma noite, uma Homenagem especial foi organizada para Juan em um café na cidade de Assunção. Era a véspera de sua partida do Paraguai, e muitos de seus amigos estavam reunidos para falar, tocar e recitar poesia e simplesmente prestar uma última homenagem ao grande Juan que acompanhava tudo por Skype lá mesmo do seu leito em um hospital da capital paraguaia. Na manhã seguinte, bem cedo, ele foi levado ao Rio de Janeiro.

Eu cheguei ao Rio alguns dias mais tarde, e na manhã do dia 15 de novembro fui visitá-lo na sua casa. Sua esposa Maria Cândida abriu a porta e mostrou-me a sala onde Juan estava sentado em seu sofá, confortavelmente e de forma pacífica. Ele sorriu, e parecia feliz em me receber. Foi a minha primeira visita a sua casa carioca, uma bela casa antiga no bairro Lagoa. Ela tinha sido o seu lar e de Maria Cândida desde 1968. Eu lhe dei atualizações sobre iniciativas recentes de comunicação para o desenvolvimento, e isso o fez começar a falar sobre suas visões para o campo. Ele também insistiu em me mostrar o reconhecimento pessoal que recebeu do presidente Lugo, que tinha o visitado no hospital em Assunção. Mais importante ainda, ele começou a me contar sobre seus planos para a sua finca em Altos, no Paraguai. Ele tinha muita vontade de estabelecer ali um lugar onde crianças e jovens pudessem entrar e experimentar as alegrias e prazeres deste cenário rural. Suas ideias, sua visão, seu otimismo e seu compromisso de trabalhar para a inclusão social, direitos humanos e desenvolvimento rural estavam mais vivos do que nunca.

Atrás de sua casa no Rio de Janeiro, uma enorme montanha arranha os céus, e em cima dela está o Cristo Redentor a observar a cidade e a casa de Juan. Ele insistiu em me levar para ver o quintal e contemplar quão bela era a vista. A sua esposa Maria Cândida me levou até o Cristo Redentor, e quando retornamos encontrei Juan inspirado e pronto para continuar o trabalho.

Primeiros passos

Eu nasci no sul do Paraguai, em uma cidade chamada Encarnação, que fica ao lado da cidade argentina de Pousadas. Meu pai era médico rural e por



conta de questões políticas no Paraguai fomos viver na Argentina. Por lá eu decidi estudar engenharia química e cheguei a viver um tempo no Chile para fugir da pressão política no governo de Perón, porque participei de protestos na Universidade. Depois de um tempo perdido, me descobri humanista e larguei a carreira no final do curso. Com o apoio da minha família, decidi recomeçar do zero estudando agronomia.

A comunicação

No início dos anos 50, o Ministério da Agricultura do Paraguai assinou um convênio de assistência técnica com os Estados Unidos. Era a época da revolução verde, da modernização do campo... O convênio era para ajudar a desenvolver a indústria paraguaia, e eles precisavam de um agrônomo que gostasse de escrever para os agricultores, porque em geral os agrônomos não escrevem nada. E aí foi como me iniciei no campo da comunicação. Era um agrônomo perdido, sendo editor de imprensa e rádio. Eu adorava o trabalho e para eles era a primeira vez que encontravam um agrônomo que gostava de escrever. Eu fazia folhetos, programas de rádio, tudo isso que era uma novidade no Paraguai.

A proposta fazia parte da 'rural extension', um conceito que começou nas universidades agrícolas dos Estados Unidos. E os técnicos americanos me convidaram a ir para os EUA para aprender sobre algo que chamavam de 'Informação Agrícola'. Na universidad de Winsconsin era um departamento de Agricultural Journalism. Eu fui para Washigton, para um programa especial de formação itinerante para 22 estudantes de onze países da América Latina. Aprendemos artes visuais, comunicação escrita, folhetos de imprensa, essas coisas.

Depois de andar por todos os EUA, terminamos em Porto Rico, onde estudamos a aplicação dos meios na extensão rural, vendo como a televisão, o rádio, a imprensa, as reuniões, as demonstrações, como tudo isso se aplicava na extensão rural. Depois me convidaram para uma pós-graduação em jornalismo agrícola. Fiquei por lá mais um tempo e depois me enviaram para



um programa de cooperação técnica para os países do terceiro mundo, com sede na Costa Rica. Foi aí onde conheci Luis Ramiro Beltrão, jornalista da Bolívia e já são mais de 50 anos de amizade. Desde então, tenho sempre trabalhado na área da comunicação rural, como os vinte e tantos anos no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura IICA, da OEA.

O amor pelo Brasil

Minha relação com o Brasil começou naquele primeiro curso nos EUA. Éramos um grupo de 22 homens e tínhamos uma brasileira de interprete. Ela era jovem, simpática, dançava, ria muito. Eu fiquei completamente fascinado, porque as mulheres paraguaias naquele tempo eram muito tímidas, tinham medo dos homens. Eu a comparava com minhas amigas e achava ela muito superior, nem sonhava em conquistá-la, nem nada. Só pensava - Que maravilha de mulher! E as coisas foram se dando, e ela terminou sendo a mãe dos meus filhos e convivemos há 54 anos.

Logo depois de nos casarmos, fui fazer o doutorado em Michigan sobre comunicação agrícola. E na hora de fazer o trabalho de campo escolhi ir para Pernambuco, por influencia de um amigo sociólogo chamado Heraldo Pessoa Sotomayor. Vivi um ano em Recife e fazia o estudo com agricultores em Timbaúba. E aí nasceu meu primeiro filho. Depois um mexicano, outro na Costa Rica, uma São José e as duas caçulas que são peruanas. E quando me perguntam se não tenho nenhum filho paraguaio, olho pra minha esposa e digo que sempre é tempo. (Risos)

Paulo Freire

Apesar de contemporâneo e de ter vivido em Recife, não conheci Paulo Freire nesta época. Eu fui pro Peru, ser diretor de comunicação do IICA e um amigo em comum me escreveu contando que Paulo Freire tinha sido preso pelos militares e era urgente retirá-lo do Brasil. Eu tinha dinheiro para contratá-



lo e tinha um posto de trabalho vago. Imediatamente enviei o formulário de emprego. Em poucos dias a tal folha azul voltou vencida e sem Paulo Freire.

O diretor geral da Costa Rica e o chefe do IICA no Brasil cancelaram a proposta de trabalho porque um organismo internacional não devia contratar exilados brasileiros para não se indispor com o governo. Eu escrevi uma carta a Paulo Freire pedindo desculpas e ele me respondeu do Chile, dizendo que tinha conseguido sair do país. Me agradeceu o empenho e disse que não me preocupasse porque ele já estava acostumado a ser rejeitado. Passados alguns anos, ele se tornou um dos cinco intelectuais mais influentes do mundo. Ele revolucionou toda a mentalidade de como fazer comunicação, extensão e educação e o IICA se arrependeu de não tê-lo contratado.

Nos anos 80, a OIT me convidou para uma consultoria em Genebra e Paulo Freire estava vivendo lá. Depois daquela pseudo-contratação perdemos contato e eu temia que ele não me reconhecesse, mas minha esposa resolveu ligar para ele. Paulo se lembrava de mim porque eu tinha enviado a primeira carta que ele recebeu na prisão. Fomos parar na casa dele e era incrível a alegria de menino que ele transmitia. Estava entusiasmado: “Bordenave, imagine, meus livros foram traduzidos para catorze idiomas!... Meu livro está na 29ª edição no Brasil. Um best seller”.

Ele estava fascinado por esse reconhecimento, como se não tivesse merecido, mas ele era um gênio. Isso me comoveu. Ele me contou que Pedagogia do Oprimido teve uma repercussão enorme e muitos movimentos sociais fizeram coisas inspirados no livro, mas muitos não conseguiram triunfar porque se enfrentaram com um muro. O muro dos opressores, porque se havia oprimidos era porque também existiam opressores. Eu então sugeri um livro de pedagogia para os opressores. “Não, não, Bordenave. Para eles só a revolução”, respondeu convicto. Para Paulo, a revolução não era uma coisa armada, era uma mudança profunda na hegemonia, uma revolução do pensamento, porque Paulo não era violento.

Uma vez ele me contou que encontrou um ladrão em casa às 3hs da manhã. Ao invés de reagir, ele disse: “meu filho, você está fazendo uma coisa feia, e vai terminar morrendo. Vou te conseguir um emprego”, e arrumou



trabalho pro assaltante. Outra vez ele me contou que um jovem lhe disse: “professor Paulo, eu queria ser grande como o senhor”. “Então seja grande como só você pode ser. Seja grande como você mesmo, não imite”.

Eu fui muito influenciado por ele. Todo meu modelo de comunicação porcentual, horizontal, vem dele. E seu pensamento coincidia com meus princípios.

Um novo modelo comunicativo

Quando comecei a construir meu pensamento sobre comunicação rural estava muito influenciado pelo pensamento pragmático americano. Eles começaram a trabalhar com a idéia de Difusão e um método chamado Pedagogia Audiovisual, que era utilizar o vídeo como instrumento de extensão rural, e era uma escola para reproduzir vídeos sobre como fazer um galinheiro, um viveiro de eucalipto. E como funcionava isso? Eles levavam o vídeo para a comunidade, reuniam todo mundo num auditório e conversavam. Era um instrumento, com vários obstáculos: imagine levar isso a lugares como a serra boliviana ou um bosque paraguaio, quando não tinha ainda eletricidade! Quantas vezes tínhamos de ir a uma mesma comunidade para passar um programa de extensão? Era caro, complicado... Eles tinham equipe, equipamentos caríssimos, mas não houve aceitação, o projeto nunca avançou porque a extensão rural leva a super tecnologia comunicacional no jeep velho ou na bicicleta. É uma piada moderna que mistura tecnologias avançadas com um ambiente institucional que não acompanhava.

Depois tentaram a mesma coisa no Brasil, na mesma época da mudança do governo militar para a democracia. O problema neste caso não era tanto transferir tecnologia, mas analisar as políticas agrícolas, escutar as pessoas e o que elas queriam era participação. O vídeo não servia para esta prática.

Então a comunicação rural que Paulo Freire me inspirou não era uma coisa de meios, mas de processos de comunicação. Por exemplo, se você tem aqui uma comunidade que tem problema, logo ali tem outra com o mesmo



problema, mas não sabem. Então, um visita o outro e diz: “poxa, temos o mesmo problema. E vamos buscar um remédio para isso! “ O que precisamos é estabelecer relações entre as pessoas, redes, diálogos. Claro que os meios ajudam, a rádio comunitária, o vídeo, tudo isso serve muito, mas a força da comunicação é o intercâmbio para recriar.

Essas duas posturas em relação à comunicação rural eram bem diferentes e a perspectiva tecnicista ainda permanece. Já o conceito de comunicação para o desenvolvimento está se ampliando, como o uso agora de comunicação para a transformação social. Quando a gente começou estávamos muito voltados a políticas setoriais, para temas muito concretos como desenvolvimento agrícola, desenvolvimento da educação, da saúde, etc. Mas quando se fala em comunicação para a transformação social se pensa em debates políticos, em identidade cultural, em diversidade. Isto é mais completo do que o conceito de desenvolvimento que herdamos.

O projeto paraguaio

Quando Fernando Lugo assumiu a presidência, criou o Ministério da Informação para a Comunicação e o Desenvolvimento e eu fui convidado a participar do projeto. Mas este espaço é mais complexo do que parece, porque a prioridade segue sendo a comunicação presidencial. A comunicação para o desenvolvimento é apenas uma perna, que envolve a criação de cinco cursos nas universidades, cuida das rádios comunitárias e da comunicação indígena. É neste setor no qual estou trabalhando, nas outras sequer sou consultado.

Para os cursos nas universidades eu recomendei que a formação dos comunicadores para o desenvolvimento fosse baseada em competências, não em disciplinas. É inevitável ter disciplinas, porque o sistema de avaliação oficial é este, mas orientamos que as disciplinas sejam insumo para a aquisição de competências. É isso o que vale para a gente, a disciplina curricular é apenas um meio para fortalecer o conhecimento, mas o que importa é a prática, é o saber fazer. Não me refiro a um saber técnico, mas ter as habilidades necessárias para a área.



Te dou um exemplo: a Secretaria de Educação criou uma nova faculdade de Florestas, que oferece ao aluno a opção de trabalhar com bosques, madeiras, ecoturismo e gestão ambiental. Eles escolheram um currículo por competência. Como? Se o egresso vai trabalhar com ecoturismo, turismo ambiental, seu posto de trabalho vai estar nas agências de viagem, hotéis, Secretaria de Turismo, etc. Então o curso vai lá e procura saber o que se espera deste egresso, e eles dizem que um aluno na área deve saber fazer um projeto de ecologia, mapear a ecologia da região, fazer uma rota turística. Isso são competências. Quando o conhecimento é dado por disciplinas, se transmite conhecimentos em economia, ecologia, mas o aluno não sabe bem o que fazer com isso.

O que precisa saber fazer um comunicador para o desenvolvimento? Como não temos ainda empregadores nesta carreira, eu inventei as competências baseado na minha experiência de 40 anos nesse campo. Acredito que são duas: identificar as necessidades comunicacionais dos diversos setores da população dentro de uma perspectiva de desenvolvimento mais ampla. Para estudar desenvolvimento é preciso mudar atitudes, superstições, enfrentar a falta dos meios tradicionais e identificar as necessidades reais. Essa é a primeira habilidade.

A outra competência é saber planejar e operar meios de baixa tecnologia, como por exemplo, cartas, programas de rádio, coisas assim. Existe outra competência que é de saber planejar meios de alta tecnologia como televisão, vídeos, cine, etc. Mas tem ainda a habilidade de saber desenhar, dirigir e coordenar estratégias de comunicação para os problemas como a dengue. Não é fácil fazer isso. Se você contratar um jornalista tradicional, está perdido. Se contrata um comunicador institucional, eles também não sabem. Uma das competências do comunicador para o desenvolvimento é formular estratégias completas.

Mas nosso modelo ainda não está completo. Há críticas de que essas habilidades precisam ser usadas como estratégias contextualizadas a um ambiente social, econômico e cultural específico. O comunicador para o desenvolvimento estar habilitado a debater estas questões, a fazer a crítica, e



também precisa estar apto a formular políticas públicas, e isso ainda não está no nosso projeto. Mas isso é difícil porque a comunicação não é somente meios. Os seminários internacionais são um enorme sistema de comunicação, mas isso não se estuda, estudamos os meios, mas não os sistemas complexos da comunicação.

A aplicação da competência deve ser aplicada a qualquer contexto, seja uma ONG, um Ministério, uma mídia, na rádio, etc. As competências que selecionei são as básicas para qualquer setor. A necessidade de planejar, capacitar, usar meios massivos, multimídia, etc. Essa é a arte da comunicação em geral. E isso precisa saber fazer bem. Pode até variar o resultado a depender do contexto, mas não pode variar se sabem fazer bem ou não. Tem muita gente que sabe falar disso, mas não sabe fazer.

Conquistas

Depois de 55 anos trabalhando no tema da comunicação rural, é muito difícil medir conquistas pessoais. Mas gosto de celebrar os avanços do conceito, como o de comunicação participativa. Quando comecei não havia nenhum suporte bibliográfico. Havia algumas coisas sobre comunicação política, mas não tinha nada a ver com o que estamos falando agora. Me inspirei muito num modelo europeu de autogestão, um socialismo autogestionário diferente, que não era terrorismo de estado. Isso alimentou meu pensamento e criamos nos anos 70 o primeiro seminário de comunicação participativa. A UNESCO usou o conceito e falavam de graus de participação em diferentes níveis, como acesso, programação e gestão, como os três passos da participação.

Minha contribuição na área da comunicação rural também foi importante, colaborei com instituições importantes no Brasil. Houve um ano que o INTERCOM foi dedicado ao tema e todo mundo estava pensando no assunto. E agora estou contribuindo com a experiência do Paraguai, que me parece um caminho muito interessante. Eu vejo que esse projeto independe de Lugo no poder, porque as pessoas estão muito entusiasmadas. O ponto crítico é se



essa gente que estamos formando vai ou não conseguir emprego, e não se Lugo vai continuar no governo.